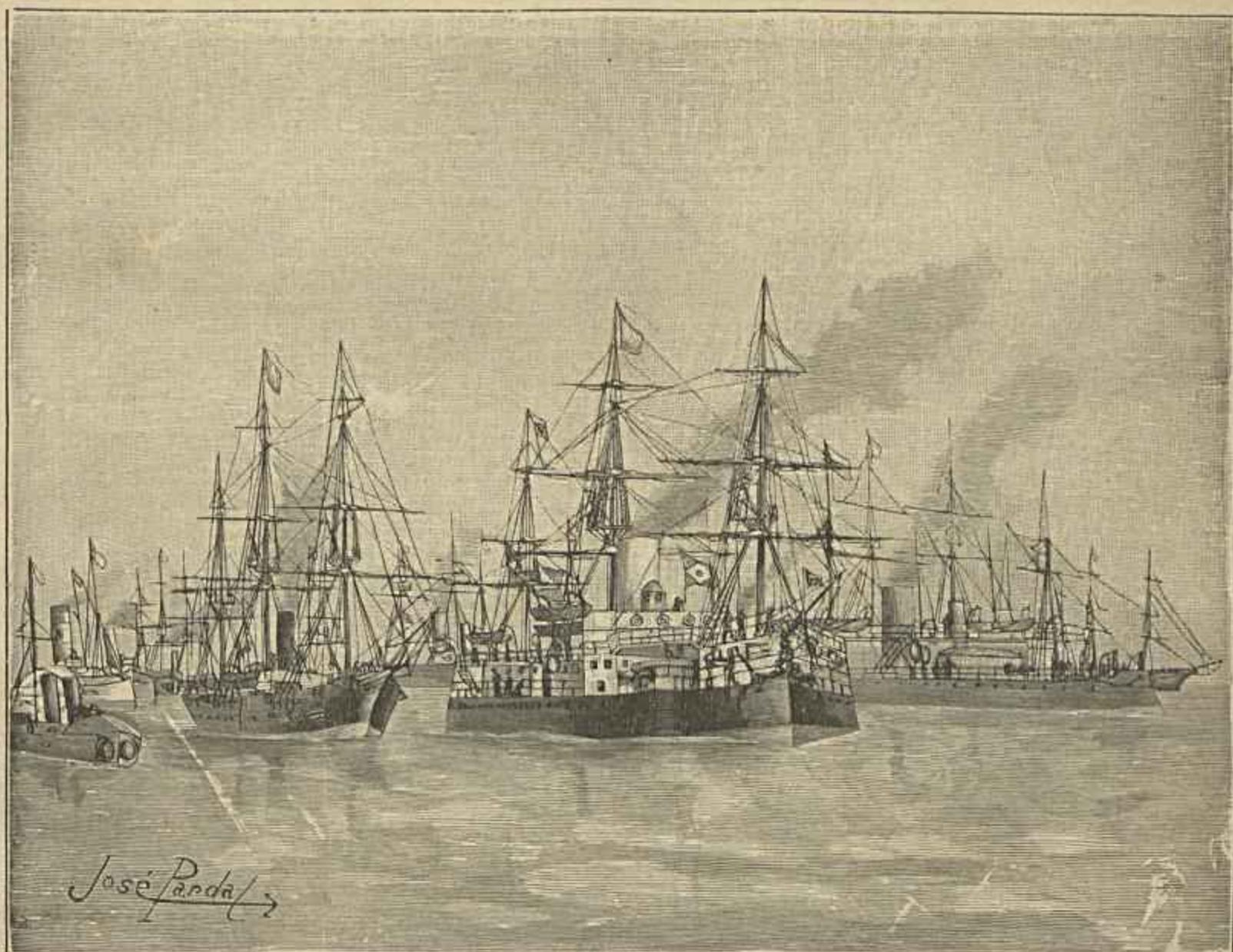


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 534	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3600	1800	600	6120	21 DE OUTUBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem) . . .	4800	2400	800	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5600	2800	950	—		

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



TRAJANO

AQUIDABAN

JAVARY

GUANABARA

A ESQUADRA INSURRECTA

(Desenho pelo sr. José Pardal)



CHRONICA OCCIDENTAL

Regressou do Rio de Janeiro, depois de cinco mezes de ausencia, a companhia do theatro de D. Maria. Chegou na terça feira, 17, de manhã, e no dia immediato, ás 2 horas da tarde sahio do Lazareto, indo ali buscar a um vapor dos da carreira do Barreiro, fretado por um grupo de amigos e admiradores dos distinctos artistas, entre os quaes Sousa Bastos, Carlos Cohen, Manuel Damasceno, o filho da illustre atriz Rosa Damasceno, Cypriano, Gouvea, vapor que, pouco depois da uma hora da tarde, largou da ponte dos vapores do Terreiro do Paço, levando a seu bordo muitos jornalistas, auctores dramaticos, actores, etc.

Com muito prazer tencionava fazer parte d'essa alegre caravana e ser dos primeiros a abraçar os queridos artistas, cuja ausencia tantos cuidados chegou a inspirar aos seus amigos, em consequencia dos graves acontecimentos, que ultimamente se tem dado no Brazil, mas impediu-me de realizar essa tenção a doença gravissima d'uma pessoa de familia, doença que infelizmente d'ali a horas se transformava para mim e para os meus n'um lucto doloroso.

Minha sogra, doente já ha mezes, doente já ha annos, porque depois da morte do marido, a quem estremecia, nunca mais teve uma hora de saude nem uma hora de despreoccupada alegria, peiorou consideravelmente nos primeiros dias da semana, e depois d'umas melhoras notaveis, na terça feira, melhoras que nos alegraram a todos e nos fizeram resurgir esperanças, mas que no fim de tudo eram apenas a tradicional visita da saude, no dia immediato o seu estado aggravou-se d'uma maneira desesperadora, e ás nove horas da noite rodeada de suas filhas de seus filhos e de seus netos, exhalava o ultimo suspiro, serenamente sem agonia, como morre uma santa, essa santa, querida e virtuosa velhinha, que era tão boa, tão terna, que em vida nunca me fez lembrar que era minha sogra, que em morte me fez sentir como se eu fôra seu filho!

E já que o meu lucto pessoal me fez fallar n'este assumpto luctuoso abrirei aqui um parenthesis triste para outras luctuosas noticias, que infelizmente se impõem á nossa chronica de hoje.

E essas noticias são quasi todas do mesmo tempo, com poucas horas de intervallo, a morte do sr. conde de Mooser, no Porto, a morte da sr.^a marquesa da Praia e de Monforte no Estoril.



MARQUEZA DA PRAIA E DE MONFORTE

A sr.^a marquesa da Praia, uma dama illustre, das mais conhecidas e das mais queridas da nossa primeira sociedade, pela sua nobreza, pela sua opulencia e mais do que tudo pelas altas virtudes da sua gentil alma, e pelos primorosos dotes do seu bondoso coração, morreu depois de longa doença, precisamente na occasião em que esse morte menos se esperava, quando melhoras consideráveis faziam esperar, não um restabelecimento completo, impossível n'aquella implacavel enfer-

midade, a lesão cardiaca, mas ao de menos um largo adiamento no seu epilogo fatal.

Num dia os jornaes noticiaram sensiveis melhoras no estado de Sua Excellencia, noticia que alegrou toda a gente, que conhecia a illustre enferma e tinha por ella toda a consideração, respeito e sympathia, que as suas virtudes impunham, no dia immediato os mesmos jornaes publicavam o convite para o funeral da marquesa da Praia.

Do mesmo modo e pela mesma razão porque em vida era muito estimada e muito considerada, na morte a sr.^a marquesa da Praia deixou fundas saudades em toda Lisboa e ha de ser por largos annos chorada por todos que a conheciam de perto e pelos pobres de quem ella era disvelada e carinhosa protectora.

Ao desolado viuvo e aos inconsolaveis filhos da illustre morta os nossos mais sentidos pezames.

O sr. conde de Mooser, pae dos nossos queridos e velhos amigos conde de Mooser Henrique, Eduardo, Carlos e Hermann Mooser, era uma das mais sympathicas e queridas individualidades que temos conhecido. Honradissimo como character, nobilissimo como coração, amantissimo como pae e como esposo, devotadissimo, como amigo, o conde de Mooser tinha o raro condão dos characteres privilegiados, de fazer nascer sympathias e dedicações por toda a parte por onde passava.

Muito instruido e muito intelligente, tendo visto muito e lido muito, era um conversador de primeira ordem e ao seu lado as horas passavam rapidas.

Tinha a paixão da *cavaqueira* e ao mesmo tempo a sciencia d'ella, o que é mais difficil.

E quem conversava com elle nunca perdia o tempo, primeiro porque o tempo passava sem se dar por isso, segundo porque da conversação do conde de Mooser havia sempre que aproveitar, um conselho, uma indicação, uma informação, um ponto de vista.

Eu por exemplo, logo d'uma das primeiras vezes que tive o prazer de conversar com elle, ha já dez ou doze, annos aproveitei muito mais com o conde de Mooser em meia hora, do que durante seis mezes tinha aproveitado com varios medicos de Lisboa e do Porto.

Muito doente com uma dyspepsia, depois de ter bebido pharacias em Lisboa sem resultado algum, ia ao norte disposto a esgotar fontes d'aguas alcalinas a ver se conseguia fazer ter juizo ao meu estomago. Fui visitar o conde de Mooser ao seu escriptorio da rua dos Inglezes, se bem me lembro, e naturalmente, com este espirito de massada que tem todos os doentes, impingi-lhe a historia da minha doença.

O conde de Mooser ouviu essa historia com a paciencia evangelica, que tem toda a gente delicada, e elle era delicadissimo entre os mais delicados, e com esse interesse pelos males alheios que só tem as pessoas que são boas, e elle era bom entre os melhores, e depois disse-me que havia um remedio allemão, que era excellente para estas doenças do estomago.

— Que remedio é? perguntei eu com a ansiedade que tem todo o doente ao ouvir fallar em remedio novo.

— Não sei bem como elle se chama. É allemão, tem o rotulo em allemão e cá não se vende.

Ia a ficar desapontado com esta noticia mas elle accrescentou logo com aquella obsequiosidade, que era um dos traços caracteristicos do seu esplendido character:

— Mas eu talvez lhe possa arranjar um frasco d'elle. Uma pessoa que eu conheço que estava muito mal do estomago e que hoje está boa com esse remedio que trouxe da Allemanha, tem ainda um resto d'esse remedio, parece-me.

Fui para o Hotel e quando d'ali a pedaço ia jantar entra me o conde de Mooser pelo quarto dentro, com um grande frasco na mão, uma especie de boião de vidro, com a bocca muito larga e tendo dentro um liquido escuro, liquido muito compacto, quasi em ponto de xarope.

— Aqui está o tal remedio, disse-me elle e tão contente por me obsequiar, que eu quasi que não lhe agradeçi o incommodo que tanto prazer lhe dava, já não está cheio o frasco, mas a tal pessoa não tem mais nenhum. Em Portugal não se vende, e talvez lhe seja bastante este.

No dia immediato comecei a tomar o tal xarope ás colheres, em jejum, apesar d'um medico que estava no hotel me ter aconselhado a que não tomasse aquillo, que elle não sabia o que era, mas que affiançava que não faria bem nenhum e pelo contrario até podia fazer mal.

O gosto era bom, tinha um certo sabor a melão, de que tinha a côr.

Foi um remedio milagroso.

A terceira ou quarta colher comecei a sentir melhoras sensiveis, d'ali a poucos dias estava completamente bom da dyspepsia e voltei para Lisboa sem ter tomado aguas, trazendo ainda uma porção do tal xarope no frasco e radicalmente curado do estomago, graças á minha conversação com o conde de Mooser, e a obsequiosidade excepcional d'elle.

Muito amigo d'elle, primeiro por expontanea sympathia, depois por justificadissima gratidão, muito amigo de seus filhos, filhos que elle estremecia como o mais amantissimo dos paes e que elles adoravam, a morte do conde de Mooser foi para mim, além d'uma triste surpresa, um profundo desgosto, porque lhe queria sinceramente com todo o affecto a que se impunha a sua grande e bella alma, o seu honrado e esplendido character.

E comprehendendo a dôr profundissima que n'este terrivel momento fere a illustre familia Mooser associo-me a ella dolorosamente compungido.

Não foi só em Portugal que a morte deu que fallar de si n'esta ultima semana: em França foi tambem fallada, e entre os echos que de Paris nos vem das festas excepcionaes com que os francezes recebem o alicantente Avellan, rectificando entusiasticamente a alliança franco-russa, chegaram nos duas noticias tristes a da morte do marechal Mac-Mahon, o segundo presidente que teve a actual Republica Franceza, e a de Charles Gounod, o celebre maestro do *Fausto* e do *Romeu e Julietta*, uma das mais brilhantes glorias do mundo artistico.

A França resolveu fazer por conta do estado as exequias d'estes seus dois gloriosos filhos.

Como disse no começo d'esta chronica regressou do Brazil a companhia do theatro de D. Maria que partira de Lisboa, em 23 de Maio, e regressou quasi completa.

Ficaram apenas no Rio as actrizes Falco, Judith, Amelia Garraio, Palmira, e os actores Vaile e Lupi, e d'estes artistas quasi todos devem chegar a Lisboa no proximo paquete.

O theatro de D. Maria abre no dia 1 do proximo mez de novembro.

A respeito de theatros temos a novidade da inauguração do theatro da Avenida que foi um enorme e dizem-nos que legitimo successo.

Não pudemos assistir a essa recita, pelo motivo que já dissemos, mas sabemos pelos jornaes e por pessoas que estiveram n'essa recita, que a magica *Lenda do Rei de Granada* agradou immenso, tendo um verdadeiro triumpho a musica de Cyriaco Cardoso que é lindissima, o scenario de Eduardo Machado e o desempenho que é magnifico e em que sobresaem Cinira Polonio, Aurelia dos Santos, e o novo tenor Christiano Telmo, de cuja voz todos dizem maravilhas.

Felicitemos Cinira Polonio pelo bom exito da sua empreza e o nosso querido Cyriaco Cardoso por mais esta brilhante e justissima consagração do seu enorme talento.

Gervasio Lobato

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL

A INSURREIÇÃO NO RIO DE JANEIRO

Parecia, que, depois de serenados os espiritos, mais inquietos pela transição havida no regimen governativo do Brazil, se succedesse um tranquillo refazimento das forças da nação. A esta esperança tem se seguido terriveis decepções; assim, quando proclamada a republica, as dissensões que se deram; agora, a insurreição que tem tomado a importancia d'uma guerra civil.

A origem d'estas subitas insurreições encontra-se na influencia militar da anterior lucta contra o poder imperial. Uma vez, convictos de que por si só poderão derrubar e elevar, os militares a seu bel-prazer insurgem-se e impõem-se. E este o inconveniente das revoluções iniciadas ou feitas

pelo elemento militar. De uma revolução popular não provem estes perigos, eis pois, a diferença.

A actual insurreição, deprehende-se foi provocada pelo «veto» que o marechal Floriano Peixoto, entendeu dever pôr á resolução parlamentar, isto é, negando sanção ao decreto do congresso nacional que determinava sobre a eleição do presidente da União.

Na exposição que acompanhou o decreto devolvido dizia o marechal Floriano Peixoto:

«Nego sanção, por ser inconstitucional, ao decreto do congresso nacional que estabeleceu providencias acerca da eleição do presidente e vice-presidente da republica.»

O art. 5.º d'esse decreto determina que «é inelegivel para os cargos de presidente ou vice-presidente da republica o vice-presidente que succeder ao presidente verificada a falta d'este.»

A latitude d'esta disposição, abrangendo todos os casos que possam occorrer, comprehende não só a hypothese de um vice-presidente que, tendo succedido ao presidente, haja renunciado o cargo antes do ultimo anno do periodo presidencial, mas até a d'aquelle que, tendo-o succedido, ao iniciar o quadriennio, tenha occupado a presidencia, no primeiro e unico dia, e, acto continuo, resignado o logar.

Semelhante incompatibilidade não está prevista na constituição, a qual limitou a aos casos marcados no art. 43, quanto ao presidente, e no § 1.º d'esse artigo, quanto ao vice-presidente; sendo ainda para observar que ali não existe incompatibilidade, expressamente decretada, para a reeleição ao cargo de vice-presidente, como foi consignado no art. 5.º do decreto.

Suppondo mesmo que se possa dar intelligencia diversa áquella, que soam as proprias palavras do § 1.º do art. 43 da constituição, tratando-se, na especie, de assumpto que antecede directamente com a investidura dos poderes publicos e, consequentemente, de direito constitucional estricto, o texto em questão não é ampliavel nem alteravel por lei ordinaria, e, por igual, a sua interpretação só seria admissivel pelos meios indicados no art. 90 da mesma constituição.

Por ultimo, é tambem de notar que o disposto no referido art. 5.º é uma exorbitancia manifesta, da attribuição conferida ao congresso nacional pelo art. 47 § 3.º da constituição, no qual se cogitou especificadamente do processo da eleição e sua apuração, e, de forma alguma, dos casos de inelegibilidade.

A' vista, pois, de taes razões e fun lamentos, deixo de sancionar o mencionado decreto.

Capital Federal, 4 de setembro de 1893. — *Floriano Peixoto.*»

Este documento, foi como o signal para a insurreição. Logo, no dia 6 de setembro, os jornaes do Rio Janeiro noticiavam:

«A' uma hora da madrugada soube-se que um grupo de cerca de quarenta pessoas havia feito enormes estragos nas estações de S. Diogo e S. Christovão, destruindo as linhas telegraphicas e telefonicas, cortando as mangueiras da agua e pretendendo inutilisar uma locomotiva que estava sobre a linha da primeira d'aquellas estações.

Informado do occorrido, o commandante do 10.º batalhão de infantaria, tenente-coronel Travassos, mandou uma força para a estação de S. Diogo. Com a approximação d'esta força os aggressores pozeram-se em fuga.

Tomadas as providencias policiaes necessarias, nada mais se passou que fizesse suspeitar da gravidade dos factos que se estavam preparando.

A' hora em que se davam estes acontecimentos coincidia o movimento dirigido pelo contra almirante Custodio José de Mello, que embarcou em lancha particular, dirigindo-se para o *Aquidaban*, apoderando-se d'elle sem resistencia.

Entretanto, sabia-se em Nitheroy da revolta da esquadra e o governo communicava aos commandantes dos navios estrangeiros, surtos no porto, essa revolta.

Ao romper do dia foram tomados os cruzadores *Republica* e *Trajano*. Immediatamente estes navios accenderam as fornalhas, pondo-se em movimento e ás onze horas e meia da manhã haviam-se apoderado dos coraçãos *Javary*, *Sete de Setembro*, canhoneira *Lamego*, cruzador *Orion* e a corveta *Amazonas*, que foram conduzidas a re-

boque para perto da divisão formada pelo contra-almirante Mello. Os paquetes *Venus*, *Pallas* e *Urano* da Companhia Frigorifica appareceram de fornalhas accensas e foram encorporar-se á esquadra revoltada.

Todavia, alguns d'estes navios não estavam em condições de se moverem, mas, contudo dispunham de artilheria de canhão de tiro rapido. Os revoltosos tomaram o deposito bellico da Armação apoderando-se das munições necessarias para todos os navios em seu poder.

Até ao dia 11 a esquadra insurrecta manteve-se, pouco mais ou menos, na mesma posição. Na madrugada de 11 a esquadra aproximou-se de Nitheroy afim de bombardear a Armação. O *Republica* rompeu então um vivo fogo, que durou até ás oito horas da manhã, havendo de terra grande resistencia, do que resultou bastantes mortos e feridos d'uma e outra parte.

Anteriormente, no dia 8 foram distribuidos dois manifestos um do dr. Coelho Lisboa ao marechal presidente e outro de Custodio de Mello á nação brasileira.

E' um documento muito extenso que por isso mesmo não podemos publicar na integra. N'elle se expõe os motivos que o levaram a insurgir-se contra o governo do marechal Floriano, que diz *haver aberto com mão sacrilega as arcas do erario publico a uma politica de sobornos e corrupção*. E termina com os seguintes periodos.

«Official de marinha, brasileiro, e cidadão de uma patria livre, ainda uma vez vou achar-me no campo de acção revolucionaria para dar combate aos demolidores da Constituição e restaurar o regimen da lei, da ordem, e da paz.

Nenhuma suggestão de poder, nenhum desejo de governo, nenhuma aspiração de exercer mandatos por esforço violento da propria individualidade, me levam á revolução.

Que a nação brasileira possa e saiba exercer a sua soberania dentro da republica, eis o meu desideratum, eis a cogitação suprema do meu espirito e da minha vontade.

Foi o dia (treze!) o primeiro do bombardeamento. Cerca das onze horas circulou pela cidade a noticia de que um official emissario dos revoltosos desembarcara, dirigindo-se ao palacio Itamaraty, aonde ia intimar o marechal Floriano a renunciar o poder, no praso que lhe concedia o almirante Custodio de Mello.

A' mesma hora rebentou o primeiro tiro de canhão disparado pelo *Javary* a que respondeu cerca de um quarto de hora em fogo cerrado e nutrido a bateria do Castello. Ao bombardeamento pelo *Javary* seguiu-se o bombardeamento pelo *Republica* que voltou toda a sua artilheria para o arsenal de guerra.

Foi só depois da uma hora da tarde que o *Aquidaban* começou fazendo uzo da sua artilheria, que contudo não causou, pela má pontaria, resultados mais importantes.

Anoiteceu e os estragos avolumaram-se com algumas mortes.

Durante a maior parte do dia 14 a esquadra conservou-se inactiva.

Pelas cinco e meia horas da tarde, o Castello fez fogo contra o *Trajano* que se achava em Nitheroy, d'onde tambem se fazia um vivo fogo.

Pela tarde, os revoltosos tentaram repetidas vezes desembarcar.

O dia 15 nada deu de novo. Nem do mar nem da terra se deu um unico tiro. Alguns navios insurrectos tomaram carvão, e simplesmente crusavam. No dia 16 os navios mudaram a posição occupada de noite collocando-se, em linha de batalha. A' tarde o *Trajano* e *Marujó* e o *Aquidaban* bombardearam a ponta das barcas de Nitheroy, fazendo bastantes estragos. Em 17 trocaram balas e á noite em Nitheroy o fogo foi vivissimo havendo bastantes estragos na cidade. Os lagados da calçada foram levantados, portadas de cantaria despedaçadas e rasgadas largas aberturas, que poem a descoberto as paredes externas e fronteiras das casas, paredes internas, tectos e moveis em estilhaços pelas explosões das granadas.

Cerca das duas horas e meia da manhã de 18, os habitantes da capital foram despertados pela artilheria que troava para o lado de Santa Cruz. O fogo vivo e quasi incessante durou até cerca das tres horas e meia da manhã.

Pelo meio dia o *Aquidaban* içou o signal de «bombardear praças de guerra» e começou o fogo sustentado pelo *Javary*, *Aquidaban*, *Republica*, *Marujó* e *Trajano*.

O dia 19 assignalou-se pela escapada, da bahia do Rio de Janeiro, do cruzador *Republica*, que mudara toda a pintura externa para, protegido pela escuridão da noite, não offerecer claros de alvo, costado, chaminé, borda e a propria linha de fluctuação foram pintadas de preto. Assim disfar-

çado, pela madrugada, o *Republica* acompanhado pelo *Marcelio Dias*, conseguiram forçar a barra, e devido á intensa cerração que reinava só tarde se deu pela escapada: as fortalezas fizeram fogo não conseguindo alcançal os. A' vista d'este successo forçaram tambem a barra os frigorificos *Pallas* e *Marte* e o torpedeiro *Iguatemy* que sahiram protegidos pelo *Aquidaban*.

Assim, pois, ficaram os revoltosos tendo tóra da barra em plena liberdade de navegação, uma divisão naval composta do *Republica*, *Iguatemy*, *Marcelio Dias*, *Pallas* e *Marte*.

A 20 o cruzador *Republica* e o frigorifico *Pallas* appareceram á barra de Santos, cujas fortalezas se mantiveram em fogo vivissimo contra os dois navios, por mais de duas horas.

Neste mesmo dia, no Rio de Janeiro, a esquadra revoltosa apprehendeu o rebocador inglez *Emperor* que o commandante da divisão ingleza fez restituir.

Assignalou-se o dia 21 com o aprisionamento feito pela esquadra revoltosa, d'uma canoa da nossa corveta *Alindello*. Logo que se viu a apprehensão, largou a corveta portugueza uma lancha que retomou sem resistencia a canoa apprehendida e que conduzia farta provisão de viveres.

Em Santos, entretanto, o *Republica* bombardeava a cidade, despendendo cerca de cem tiros de canhão correspondidos pelo fogo da fortaleza da barra e pela bateria da Ponta da Praia.

Cerca da hora e meia da tarde do dia 22 começou vivo bombardeamento entre o cruzador *Trajano* e a fortaleza de Santa Cruz. O *Aquidaban* tambem bombardeava ao lado do *Javary* e do *Guana-bará*.

Neste dia foram bastantes os mortos e feridos. Os revoltosos fizeram um desembarque de 80 homens, cuja retirada foi protegida pelo *Jupiter*.

No dia 24, desencadeou-se tão forte tempestade que os navios insurrectos estiveram em grande risco.

O bombardeamento seguiu no dia seguinte, por parte do *Aquidaban*, produzindo bastantes estragos e algumas mortes, e no dia 27 continuou o bombardeamento, havendo duas mortes.

Passemos em claro alguns dias, em que a situação se prolongou trocando se um tiroteio irregular entre os fortes e os navios insurrectos.

Não nos é facil adiantar muito sobre esta revolta, porquanto as noticias dos ultimos e graves acontecimentos continuam sendo as mais contradictorias possivel. Razão tem o correspondente em Londres d'um jornal estrangeiro, para dizer, como diz, referindo-se a ellas:

«Onde está a verdade exacta acerca da situação do Brazil? E' difficil e muito difficil responder a esta interrogação quando nos desnorream as noticias recebidas pelos telegrammas de Montevideo, Buenos Ayres e Rio de Janeiro.

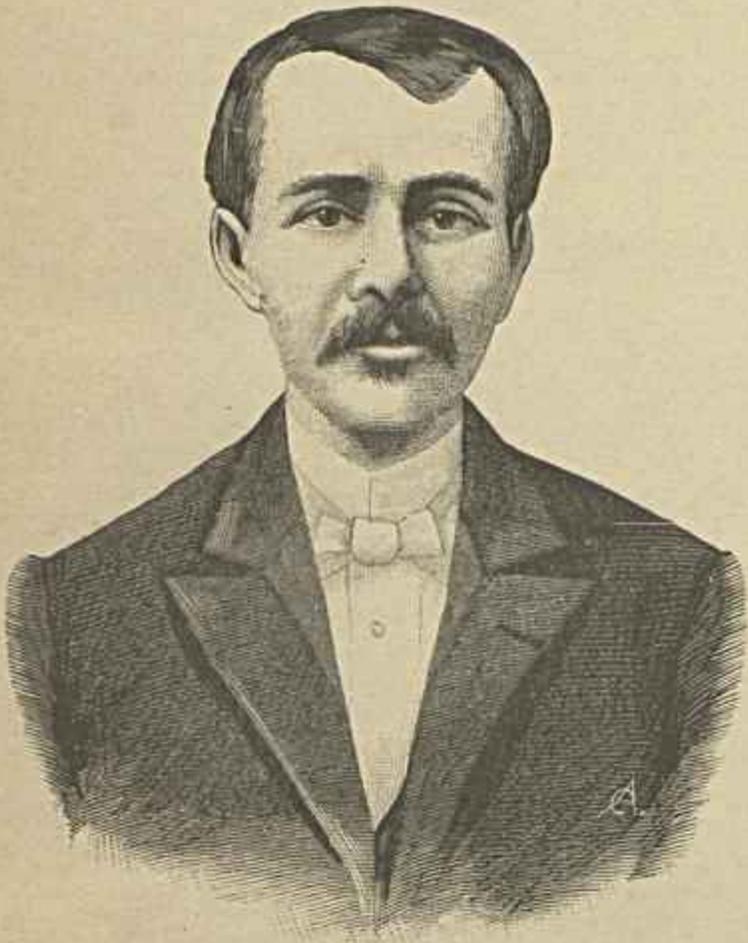
«Examinando-as bem, comparando as escrupulosamente umas com as outras, resalta em evidencia que esses telegrammas são inverosimeis e pouco dignos de credito.»

O que é certo é que, sob o ponto de vista de factos positivos, nada soffreu alteração, ha quinze dias a esta parte. A esquadra insurrecta ameaça a capital sem poder tomar uma attitude decisiva, por isso que não é secundada pelas tropas de terra, e o marechal Floriano Peixoto não pôde soffocar a revolta porque não tem meios para lutar com os insurrectos no mar. Este estado de coisas mais enervante que alarmante, afinal, pode-se prolongar ainda por algum tempo, apesar de se dizer que os combates de artilheria entre as fortalezas do Rio e a esquadra revoltosa devem cessar, graças á intervenção dos representantes das potencias estrangeiras, que querem preservar a capital dos horrores d'um novo bombardeamento.

Eis o estado do actual movimento no Brazil, e segundo voz corrente todas as probabilidades estão do lado do valoroso almirante Mello.

O contra almirante Custodio José de Mello, de que publicamos o retrato, é de origem portugueza e está em plena força da vida dispondo de grande influencia, na marinha brasileira. Bastantes vezes tem estado na Europa exercendo importantes commissões, e desempenhou durante algum tempo o logar de addido militar na legação de Berlim. Fez parte do primeiro ministerio do marechal Floriano Peixoto tendo a seu cargo a pasta da marinha e interinamente a dos negocios exteriores. Tomou parte activa na deposição do marechal Deodoro da Fonseca, e, como se deprehende do que deixamos relatado e agora repetimos, é o actual chefe da insurreição.

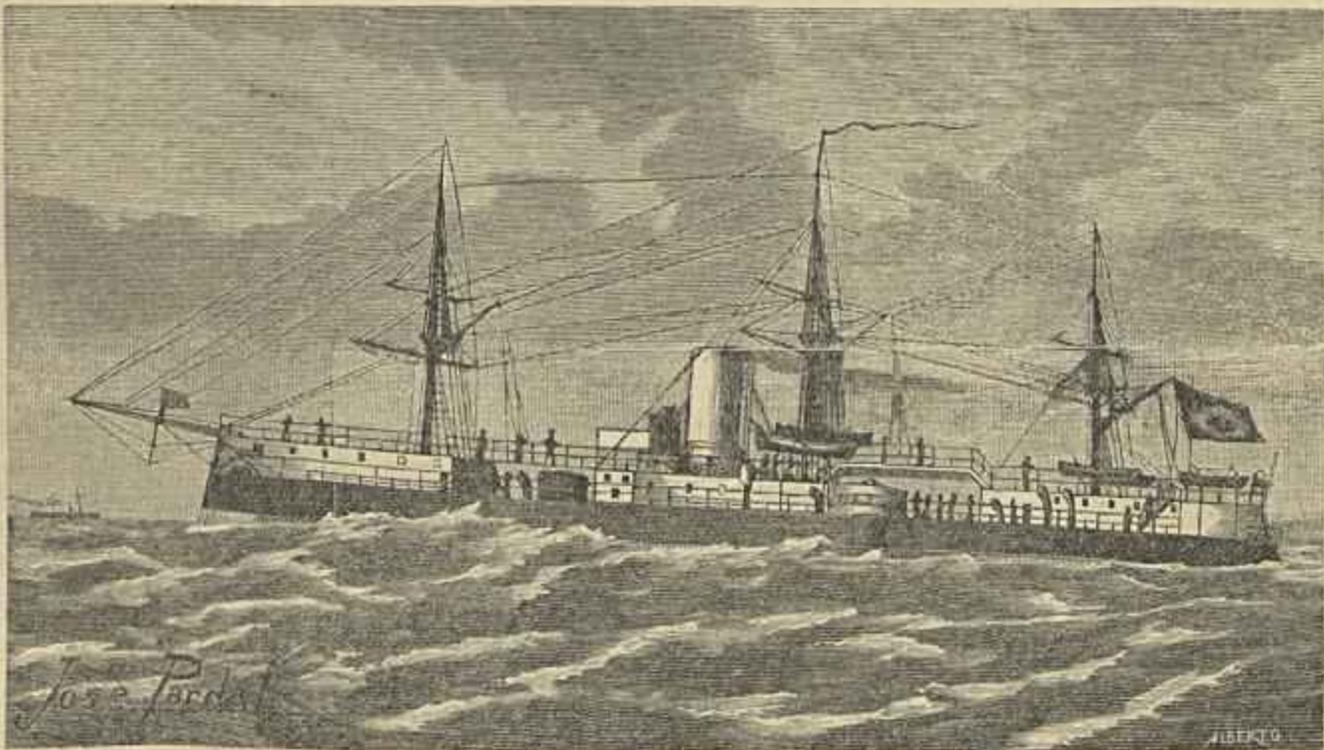
OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



O PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS
DO BRAZIL, FLORIANO PEIXOTO

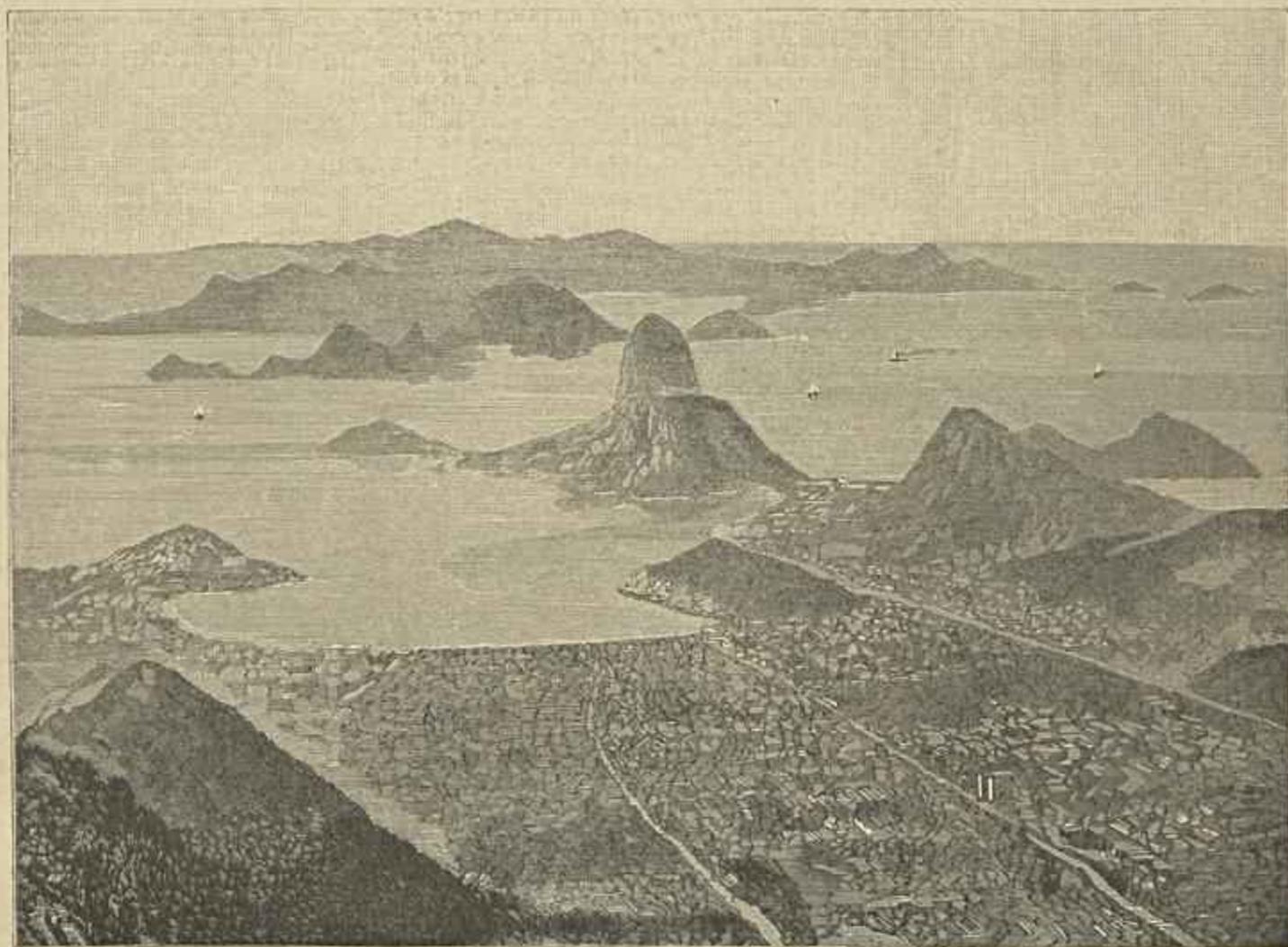


O ALMIRANTE INSURRECTO
CUSTODIO JOSE' DE MELLO



O COURAÇADO AQUIDABAM, NAVIO ALMIRANTE DOS INSURRECTOS

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



A GRANDE BAHIA DO RIO DE JANEIRO



UMA VISTA DO RIO DE JANEIRO, ANCORADOIRO E ILHA DAS COBRAS

A esquadra dos revoltosos compõe-se dos navios já citados, no decorrer d'este artigo, dos quaes especialisaremos, o couraçado *Aquidaban* que representamos em gravura da pagina 236; o *Javary*, a corveta *Guanabara* e o *Trajano* que também se veem na gravura da pagina 233 cujo desenho é do nosso distincto collaborador artistico, o sr. José Parda.

O couraçado *Aquidaban*, e o navio almirante da esquadra revoltada comandado pelo contra almirante Custodio de Mello. É todo de aço, 4:950 toneladas, força de 6:200 cavallos, é guarnecido com 4 peças de 20 toneladas (Armstrong) e mais 4 peças de cinco toneladas e varios canhões-revolver; deita quinze milhas, de andamento e custou 1.552:500:000 réis fortes. Foi construido em Inglaterra.

O couraçado *Javary*, é de ferro, e foi construido em França. O seu deslocamento é de 3:700 toneladas e o andamento é de cerca de onze milhas. A corveta *Guanabara* é de 1:000 toneladas e deita treze milhas por hora. O *Trajano* é de 1:400 toneladas e tem um andamento de treze milhas. Ainda se vê n'esta gravura um torpedeiro de alto mar e também o famoso *Aquidaban*.

Na nossa gravura, a pagina 237 encontra-se uma vista do grande ancoradouro da bahia. A direita vê-se a ilha das Cobras, e no centro da gravura os edificios que se notam, fazem parte da alfandega, bastante damnificada pelo bombardeamento e a igreja da Candelaria, que ficou com uma das torres destruida devido a uma granada que sobre ella rebentou.

Na outra nossa gravura damos uma vista geral da grande bahia, aonde os grandes navios da esquadra insurrecta se movem livremente e se affastam do alcance da artilheria de terra e das fortalezas disseminadas por entre a bahia, nos ilheos.

O marechal Floriano Peixoto de que damos o retrato, é o actual presidente da republica dos Estados Unidos do Brazil. Nasceu na provincia d'Alagoas, em 1842. Sentou praça no exercito brasileiro e concluiu com grande distincção o seu curso militar ganhando os postos a que tem chegado pelas acções bellicas em que tem entrado.

Distinguiu-se bastante nas campanhas do Paraguay e na batalha de Aquidaban, que poz termo aquella longa campanha. Floriano Peixoto commandava o regimento de infantaria.

Tomou parte activa na constituição da nova forma de governo do seu paiz e foi eleito por unanimidade vice-presidente da republica.

Mas essa unanimidade, hoje não existe e d'ahi a causa dos factos que se estão dando.

Não se pôde prever até onde chegará esta luta agora travada entre o governo de Floriano Peixoto e o almirante revolucionario Custodio José de Mello, o que é certo é que o partido d'este ultimo vai engrossando em cada dia, e os telegrammas mais recentes chegam a annunciar a constituição de um governo provisório, em Desterro.

Que esta luta termine breve é o que desejamos, para não vermos aniquillado aquelle grande paiz, ao qual nós ligam os laços de sangue, como de um povo irmão.

Janella da casa de Garcia de Resende, em Evora

A janella da casa de Garcia de Resende convida de ha muito as atenções dos artistas e entendedores. A gravura representa muito fielmente a janella.

Como se vê falta a bacia, de granito ou marmore, de muito avançamento, com sua grade de ferro batido, ornamentada, como succede em outras janellas da época. A grade actual é modernissima, e nada diz com a elegante posição e o fino trabalho da cantaria.

A vidraça é moderna também; a janella deveria ter as suas portas de almofadas e postigos, fechando internamente por ferrolhos ou gatos e a respectiva tranca.

Ainda hoje ha em Evora antigas e bem lavradas grades de janellas, em verga de ferro; em Hespanha as *rijas* eram extraordinariamente artisticas.

Em cinco ou seis janellas de Evora resistem ainda as velhas grades, que devemos considerar preciosidades. A porta interior do chamado celeiro da Bibliotheca (Evora), ornamentada de uma renda aberta em ferro, unica no paiz, talvez do seculo XIV, é perfeita maravilha. Outra, a grade do baptisterio da sé. Ha grades com lanças, rosas, flôres de lyz, esferas ornamentaes, á esquina da rua Nova, na rua do Menino Jesus, junto á ermida do Senhor da Cabeça.

É bom ir registando estes exemplares, porque são documentos singulares da actividade artistica em Portugal.

Mas voltemos á janella de Garcia de Resende. Como a gravura mostra é uma janella geminada, arcos de meio circulo assentando em finas columnas, a parte superior, a padieira, completamente lavrada. Tem as curvas, os nós de cordas, os capiteis manuelinos, e todavia ostenta um cunho especial, bem distincto na gravura embora o desenho seja relativamente reduzido; ha ahí apanhados de sanefas, atados de colgaduras, bem frisantes, perfeitamente exhibidos no lavor do granito.

Se compararem esta janella com as dos Jeronymos, do paço de Cintra, das Capellas imperfeitas, do convento de Thomar, do palacio de Sob-Ripas, emfim com as varias manifestações do *manuelino*, acham concordancia em alguns pontos, harmonia no typo geral, e variantes salientes. Excusado também será procurar lhe affinidades com o *manuelino mourisco* de que n'esta publicação já fallei.

É uma janella manuelina, com typo especial no *manuelino*, e na cidade.

O desenho de esses nós e apanhados seria de Garcia de Resende?

O poeta das trovas de Ignez de Castro, e da formosa *miscellanea*, teria uma feição nova todas as vezes que lhe lembrasse ou lhe pedissem um *debucho* para uma construcção?

Mas então seria uma entidade extraordinaria! Eu até me sinto retrahir, recuar de duvidas, suppondo que a imaginação artistica de Garcia de Resende produzisse tão diversas manifestações.

A ermida construida por elle na cerca do mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, para jazigo seu e do irmão Jorge, que se conserva na sua forma primitiva, apesar de antigos vandalismos, tem feição propria. O artozoado da egreja de Santa Martha, também em Evora, tem a sua assignatura no fecho central. Na abobada, na ermida, na janella os elementos decorativos são diferentes. Garcia de Resende, devemos ter isto em vista, abrangeu um periodo extraordinario de transformação e criação artistica; elle conversou com o Sansovino, esteve em Roma, viu as luctas, os triumphos, os desastres de João II, as glorias manuelinas, a renascença erudita de D. João III; o artista cresceu no gothico florido, conheceu as maravilhosas inspirações italianas, e foi dos primeiros certamente a ver as manufacturas asiaticas trazidas pelas naos da India.

D. João II, apreciava-o muito pela sua pericia no desenho. — Eu debuxava muito bem (conta Resende na chronica), e elle (D. João II) folgava muito com isso, e me occupava sempre, e muitas vezes o fazia perante elle em cousas que elle me mandava fazer, e porque eu levasse gosto em o fazer me disse um dia, perante muitos, que me prezasse muito d'isso, porque era tão boa mancha que elle desejava muito de a saber, e que o imperador Maximiliano seu primo era grão debuxador, e folgava muito de o saber e fazer.

Ora a torre de Belem foi *debuxada* também pelo Resende — a formosa torre de Belem que el-rei D. Manoel que santa gloria aja, mandou fazer para que a fortaleza (de Caparica) de uma parte e a torre da outra tolhessem a entrada do rio; a qual fortaleza eu por seu mandado debuxey, e com elle ordenei a sua vontade (tambem na Chronica de D. João II).

Garcia de Resende desenhou pois para D. João II e D. Manuel! Basta a torre para lhe dar gloria bem singular.

É exactamente um trecho da torre de Belem que serve a A Haupt para marcar como indiscutivel a influencia indiana na arte portugueza da época manuelina. Mas se tudo que está na torre é desenho de Resende, então a sua individualidade artistica tem de se alargar mais, porque é evidente a relação entre o portal, na sua ornamentação, com todo o trabalho do frontespicio monumental da Conceição Velha. Vá o entendido, de um a outro ponto, com as retinas bem recentemente impressionadas, e verá que tudo ahí con-

corda, parece trabalho do mesmo canteiro, tendo á vista um só modelo.

Era sem duvida um grão debuxador o nosso Garcia de Resende!

Gabriel Pereira.

Um relatório inglez sobre a India Portugueza

Decididamente a Inglaterra vai tomando gosto pelo estudo da historia portugueza, e os escriptores d'aquelle paiz, ao passo que estudam conscienciosamente o nosso passado, vão tendo maior consideração por este pequeno paiz, e prestando sincera homenagem ás qualidades que lhe fizeram representar um papel tão importante na historia do mundo.

Acabamos de extractar o precioso livro do sr. Morse Stephens *Albuquerque* e já recebemos um novo livro inglez não menos notavel. Este não o encontramos simplesmente n'uma livraria como nos aconteceu com o livro de Stephens; este foi nos enviado pelo seu auctor a quem agradecemos profundamente penhorados a sua distincção. O nome d'este escriptor illustre está longe de ser desconhecido entre nós. Ainda ha poucos dias, por assim dizer, o governo portuguez teve ensejo de recompensar em seu filho não só os serviços por este prestados a Portugal como director da companhia telephonica de Lisboa, mas o inolvidavel serviço que o pae prestou ao nosso paiz com a sua excellente publicação. O escriptor inglez a quem nos referimos chama se Frederico Danvers, e pae do sr. Allan Danvers bem conhecido em Lisboa e que recebeu do governo portuguez o titulo de barão Danvers; e o livro que vamos rapidamente analysar *Report to the secretary of State for India in Council on the Portuguese records, relating to the East Indies, contained in the Archivo da Torre do Tombo and the public libraries at Lisbon and Evora*.

O sr. Danvers veio effectivamente ao nosso paiz em missão especial. Registador e superintendente do archivo da Secretaria da India em Londres foi encarregado pelo governo inglez de vir a Portugal estudar nos nossos archivos e nas nossas bibliothecas os documentos que podessem esclarecer a historia do estabelecimento dos Portuguezes na India, e provavelmente também a historia dos nossos conflictos e das nossas relações com a Inglaterra, no Oriente. O sr. Danvers veio, e encontrou todas as facilidades para o seu estudo. A essa facilidade cavalheiresca e generosa correspondeu o sr. Danvers com a mais extremada discrição. Não querendo que o podessem accusar de vir procurar aos nossos archivos armas com que a Inglaterra nos podesse combater no campo diplomatico em todas as reclamações relativas ás nossas colonias, o sr. Danvers terminou expressamente as suas investigações no fim do seculo XVIII, posto que em Portugal não tivesse havido a minima duvida em tudo se lhe franquear.

É o relatório da sua missão o que o sr. Danvers agora publica, e é licito dizer se que nunca ninguem se desempenhou tão cabalmente de uma comissão de que fosse incumbido. Conhecemos paizes onde essa comissão empregaria a vida toda de um homem, e terminaria (a vida, não a comissão) sem ter apparecido uma linha escripta. Em poucos mezés, o sr. Danvers, acompanhado por um interprete, folheou massos e massos de documentos, escolheu os que mais o elucidavam, cotejou-os com os livros e com os documentos inglezes, e apresentou breve e lucidissimamente a historia completa do estabelecimento de Portugal na India e principalmente das suas relações com a occupação ingleza, acompanhando a com os seus commentarios em que se sente não só uma absoluta imparcialidade, mas essa benevolencia que com a imparcialidade é compativel, e que, de baixo da sua penna, se applica mais aos Portuguezes que aos seus patricios Inglezes.

Adoptemos com relação a este livro o mesmo processo que seguimos com o *Albuquerque* do sr. Morse Stephens, e verão os nossos leitores que, se ultimamente o governo inglez nos não tem poupado a hostilidades, a humilhações e a expoliações, muitos escriptores inglezes resgatam um pouco essas culpas pela generosidade com que consagram á apothose das nossas glorias e ao estudo conscienciosissimo do nosso passado o seu talento, o seu estudo e o seu indefesso trabalho.

(Continua.)

Pinheiro Chagas.

POESIAS DIVERSAS

TEXTO (1)

VERSIONE

A teus pés, fundador da monarchia,
Vae ser a Lusa gente desarmada!
Hoje rende á traição a forte espada
Que jamais se rendeu á valentia!

Ai tuoi pié, o padre della monarchia,
Si va la gente Lusa disarmando!
Cede oggi al tradimento il forte brando
Che mai si arrese ad ostil valentia!

Ó Rei! se a minha dôr, minha agonia
Penetrar podem sepulcral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Corre a vingar a affronta d'este dia.

O Re! se il mio dolor, l'afflizion mia
Vanno al sepolcro dove stai posando,
Scoperchia l'avèl tuo, piglia il comando,
Di questo dí vèndica l'onta ria.

Eu fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei; grata esperanza
Me sopra o fogo de immortal coragem.

Io fedél, come il fu Moniz, tuo paggio,
Fedél sempre sarò; speranza eletta
Spira in me un foco d'immortal coraggio.

E as lagrimas, que a dôr aos olhos lança,
Aceita-as, grande Rei, por vassallagem,
Recebe-as em protestos de vingança.

Ed il pianto, che io verso in tal distretta,
Accéttalo, o gran Re, per vassallaggio,
Abbilo qual protesta di vendetta.

Luiz Paulino.

À VISINHA

ALLA VICINA

Eu digo, quando assoma
O astro creador:
Deus me fizesse aroma
De alguma pobre flôr!

Dico io spesso, quando appare
In ciel l'astro creator:
Se Dio mi volesse fare
L'aroma d'un ùmil fior!

E digo, quando passa
Uma ave pelo ar:
Deus me fizesse a graça
De azas para voar!

E dico io, quando un alato
Vedo in aère spaziar:
Se da Dio mi fosse dato
D'aver ali per volar!

Aroma, da janella
Me evaporava eu;
Me respirava ella
E me elevava no céo.

Come aroma, io svaporava
Dal balcón di Lei bel bel;
Ella poi mi respirava,
E mi alzava fino al ciel.

E quem, se eu fôsse ave,
Me havia de privar
Jamais da luz suave
D'aquelle seu olhar?

E se augél fossi io, chi mai
Mi potrebbe alior privar
Della luce dei suoi rai
Dolce sí da innamorar?

João de Deus.

13, Ott. 1893.

Prospero Peragallo.



REVISTA POLITICA

Os nossos leitores hão de estar lembrados do que escrevemos em a nossa ultima revista, tratando dos roubos feitos nas obras publicas, quando dissemos que receavamos muito que se desse por cheio o *saco de mentiras*, dizendo: basta.

Pois se bem o dissemos melhor aconteceu, e não era precisa uma prescricia por ahí além, para fazer esta prophécia; bastava só lembrarm'o-nos dos podres que por ahí vão, n'esta terra da flôr de laranjeira, para concordar em que as investigações haviam de embirrar em algum prego e nem mais uma volta ellas poderiam dar, a não ser que viesse a terra todo esse castello de cartas em que vive uma boa parte da sociedade portugueza.

Sim, devem concordar que não era caso para se precipitar um tal cataclismo Para se apearem os deuses e se vêr a fragilidade do barro de que são feitos.

Não podia ser, e os que se teem por mais sensatos coherentes e justos vão explicando que a razão de não se proceder para com os grandes, os trufos, com o mesmo rigor com que se procedeu para com os pequenos, as cartas vis, é de

não haverem provas das fraudes e roubos que se lhes attribuem, o que, emfim, se não é uma consolação muito lavada para a dignidade e brios d'esses grandes e d'esses trufos, é pelo menos uma justa homenagem á sua espezteza e altos dotes da sua patifaria.

Já se chegou a isto!

Digam nos se este fim de seculo não estava guardado para as maiores surpresas.

Se esses grandes e esses trufos não tem melhores defensores da sua innocencia e dignidade, estes estão comprometendo a causa desastrosamente, não os salvando perante a opinião publica das accusações que esta lhes faz.

Não ha quem se atreva a vir afirmar a innocencia d'aquelles que a opinião publica aponta como culpados defraudadores do Estado, e apenas um ou outro sae a campo alegando a falta de provas materiaes que ha para proceder, embora seja possivel encontrar provas moraes.

Parece nos, porém, que umas e outras se podiam produzir, se houvesse o firme proposito de chegar a esse fim dêsse por onde dêsse.

As provas moraes estão na voz publica que as apregoua, e essa voz publica sahiu das provas materiaes que encontrou, no viver de certos individuos que gastam mais do que legalmente recebem pelos seus serviços, e outros que ainda ha pouco não tinham nada e hoje ostentam riquezas de que não podem explicar cathegoricamente a sua proveniencia.

Mas a espezteza é tudo, e pelas theorias que para ahí estamos vendo, ninguem se deve preocupar com o ser honesto e honrado, o que deve preocupar, é ser esperto, saber fazer a sua a limpo.

Ao roubo já se chamava, n'estes tempos, *alcançe, irregularidade, desfalque, desviu* e não sabemos

que mais, agora já se lhe pôde chamar tambem *espezteza*, e assim se vae irrequecendo o dictionario de synonymos da lingua de Camões.

E eis aqui está porque pararam as investigações que se estavam fazendo para apurar as responsabilidades dos roubos que dizem ter-se praticado nas obras publicas, podendo, em fim, o meretissimo juiz da instrucção (não confundir com a instrucção publica) descansar das suas continuadas corridas do Governo Civil para o Terreiro do Paço, a consultar o sr. ministro das obras publicas, sobre as varias declarações que os individuos chamados a depôr iam fazendo.

O sacco encheu-se depressa, e pena é que não se enche-se de dinheiro, que pelo que se vê seria bem preciso, em vista dos vinte e dois mil contos de divida fluctuante, que o *Diario do Governo* accusa em um dos seus numeros d'esta semana.

E' para consular vêr como esta eterna divida fluctuante tem restitado a todos os empréstimos contrahidos para a consolidar. E' de canellos, peior do que as cobras, que cortadas rentes á cabeça, morrem de vez, enquanto que a tal divida fluctuante por mais rente que a cortem, ella continua sempre a crescer e a medrar, a despeito de todos as melhorias da situação financeira do thesouro, de que fallam algumas folhas politicas, analysando as ultimas contas publicadas do mesmo thesouro.

Este optimismo faz lembrar aquelle que dizia estar sempre de ganho, porque tendo nascido sem camisa tinha uma no corpo.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Educação da Mulher Portugueza, doutrinas expostas pelo Bispo de Coimbra na distribuição dos premios, no Real Collegio Ursulino de Coimbra e no de Santa Joanna d'Aveiro, em 10 e 17 de agosto de 1893. — Coimbra, Typographia do Seminario, 1893. Um folheto de 29 pag. e 3 em branco.

É de util licção a leitura d'este folheto, inspirado nas mais sãs doutrinas, em que o illustre e reverendissimo prelado de Coimbra, pensador profundo, honra e lustre da Igreja Lusitana, expõe verdades, como só as sabe e tem coragem de as dizer um apostolo de Christo, sobre a educação da mulher.

E' de tal importancia hoje este assumpto, especialmente em o nosso paiz, que é para attender quando uma voz auctorisada se ergue em defeza de tão magna questão, indicando o caminho errado em que se vae.

As consequencias d'esse caminho errado, começam já e sentir-se na desordem da familia, no mau estar do lar com todos os seus preniciosos resultados. Muitos pensadores se preocupam seriamente com isto, e pela palavra e pela escripta combatem as theorias disolventes que pretendem afastar a mulher da verdadeira missão que lhe foi destinada.

Quando tantos se comprazem em afastar a mulher, com as suas theorias erroneas, da sublime missão de anjo do lar, de companheira fiel do homem, e educadora extremosa de seus filhos sob as sãs doutrinas christãs, não se deve perder occasião de contrapor a esses erroneos principios, as verdades salutaes, embora sejam como o vesificatorio que inflama e doe para operar a cura.

E' assim que o reverendo Bispo Conde de Coimbra, não hesita diante d'essas verdades e expõe com toda a franqueza do seu coração e toda sciencia do seu saber, o que pensa e sente a respeito da educação da mulher portugueza, no discurso que proferiu no Collegio das Ursulinas de Coimbra, quando ali foi presidir á distribuição dos premios ás educandas.

Depois de expandir as suas opiniões sobre a educação pratica das educandas, mostrando quanto convinha que a par da educação artistica e litteraria andasse o ensino das coisas domesticas, da administração e direcção da casa diz o illustre prelado:

«E vós, Senhora Superiora e meninas, não julgueis que nós vos censuramos por vos entregardes á musica e ás linguas com o ardor e aproveitamento que temos visto e admirado. Pelo contrario, são poucos para vós os nossos louvores; o que censuramos são as exigencias sociaes que vos atormentam com tantos trabalhos sem terem para muitas de vós a importancia e utilidade pratica que podiam e deviam ter. E não julgueis

(1) Este esplendido soneto foi recitado perante o tumulo de D. Alfonso Henriques em Santa Cruz de Coimbra, por Luiz Paulino, official de cavallaria, na occasião em que o General Junot tinha mandado em 1808 que se desarmasse o exercito portuguez. — Copiado do *Jornal de Coimbra* n.º xxii pag 173, vol 6 — Lisboa, 1813, na Impressão Regia — Reproduzido em o n.º 4267 — 12 de Outubro de 1893 — do *Commercio de Portugal*.

tambem que nós queremos sequestrar-vos nos costumes, divertimentos e festas do nosso tempo, que mais lisonjeiam a vossa juventude e imaginação feminina, e muito menos que pretendemos relegar-vos para os tempos idos, e para os domínios da cosinha e da despensa para fazermos de vós cosinheiras e creadas de dentro.

Não queremos, e Deus sabe que em nosso coração está o desejo constante de vos levantar e engrandecer, e nunca o de vos deprimir e amesquinhar. O que queremos, no vosso interesse, no da família e da sociedade, e trazer a mulher do grande ruído do mundo, e dos papéis espetaculosos que elle a obriga a representar para o centro da família, e para a auctoridade moral que n'ella deve exercer com a sua piedade, com a pratica das suas virtudes, com os encantos do seu espirito, e com as delicadezas e ternuras do seu coração, porque, desenganai-vos todos, o centro da família ha de ser sempre para a mulher o campo das suas conquistas, dos seus triumphos e das suas glórias, e dos serviços mais importantes que ella pôde prestar á civilisação e á humanidade.

E não julgueis que é um Bispo retrogrado e sem orientação politica e social que assim o entende. E' um grande pensador da França, Julio Simão, cujas ideas avançadas todos conhecem, que, na decima setima edição do seu livro publicada ainda no anno passado — *A Mulher do Seculo XX* — entende que ella, para bem da família e dos costumes domesticos e publicos, deve voltar a ser no seculo XX o que era no seculo XVII.

Não vamos nós tão longe, e não queremos que a mulher retrograde quando tudo caminha e avança, como já dissemos. Caminhe, pois, ella tambem, para o seu aperfeiçoamento moral, para a sua vida christã, para a organização da família e para a regeneração dos costumes, e não para as frivolidades da moda, para os domínios da politica e da sciencia, e para as profissões publicas e funcionalismos, do Estado para que Deus não a criou.

As nossas leis, que infelizmente já se não inspiram nas doutrinas do Evangelho, tem quebrado os laços da família, diminuindo e enfraquecendo o poder paternal, e promovido a relaxação dos costumes, tolerando e deixando impunes as offensas á religião e á moral. Remedeie a mulher estes males gravissimos, introduzindo e fazendo reinar na sua casa e na sua família, com o seu exemplo e euctoridade, as crenças religiosas e moraes, o amor do trabalho e o espirito d'ordem, a modestia e a economia, o respeito e a honestidade, e finalmente o oceio e a hygiene.

E se assim o fizer, conquistará o sceptro do seu grande poder, levantará a gloria do seu sexo, e bem merecerá de Deus e dos homens, da religião e da patria ¹.

Em tempos que lá vão, e não muito distantes de nós, quando as donas de casa, por mais ricas

e fidalgas que fossem, se occupavam constantemente do seu governo domestico, superintendendo em tudo o que dizia respeito á cosinha e á despensa, e fazendo até em ambas muitas cousas pelas suas proprias mãos; quando a fé, a piedade e a caridade christã embalsamavam com os seus doces perfumes todo o lar domestico; quando as festas que havia nas suas casas eram as do dia d'alguem santo ou santa da sua Igreja ou capella; quando só para estas é que faziam um ou outro vestido; quando pela melhor saude que tinham não precisavam de andar constantemente a sahir de casa para banhos e estações d'aguas; nesses tempos, dizemos, era para ver como os filhos obedeciam aos seus paes, como os creados eram fieis aos seus amos, e como subia o respeito e prosperava a fortuna das familias: levantavam-se então em muitas freguezias das nossas provincias esses palacios e casas nobres, que, attestando a gran-

mas não sabemos se um para cada mez se para cada semana; hoje, que o jogo por um lado e o luxo pelo outro compromettem o patrimonio das familias e o futuro dos filhos, pondo até em perigo as grandes virtudes que salvaguardam a honra, a paz e a alegria do lar domestico; hoje, que as proprias senhoras estão cavando a sua ruina e a da sociedade pela difficuldade que põem aos casamentos com as grandes despezas a que obrigam as suas *toilettes*, difficuldade que affectando profundamente a constituição legitima da familia, prejudica o Estado e a honestidade dos costumes; hoje finalmente que o viver pacifico e economico de muitas terras de aldeia é trocado a cada passo pelas viagens de recreio, e pelos grandes divertimentos das praias e das cidades, onde ficam tantas vezes as economias do passado, e a antecipação dos rendimentos para o futuro, — nós vemos quasi extintas na familia a força da religião e das tradições,

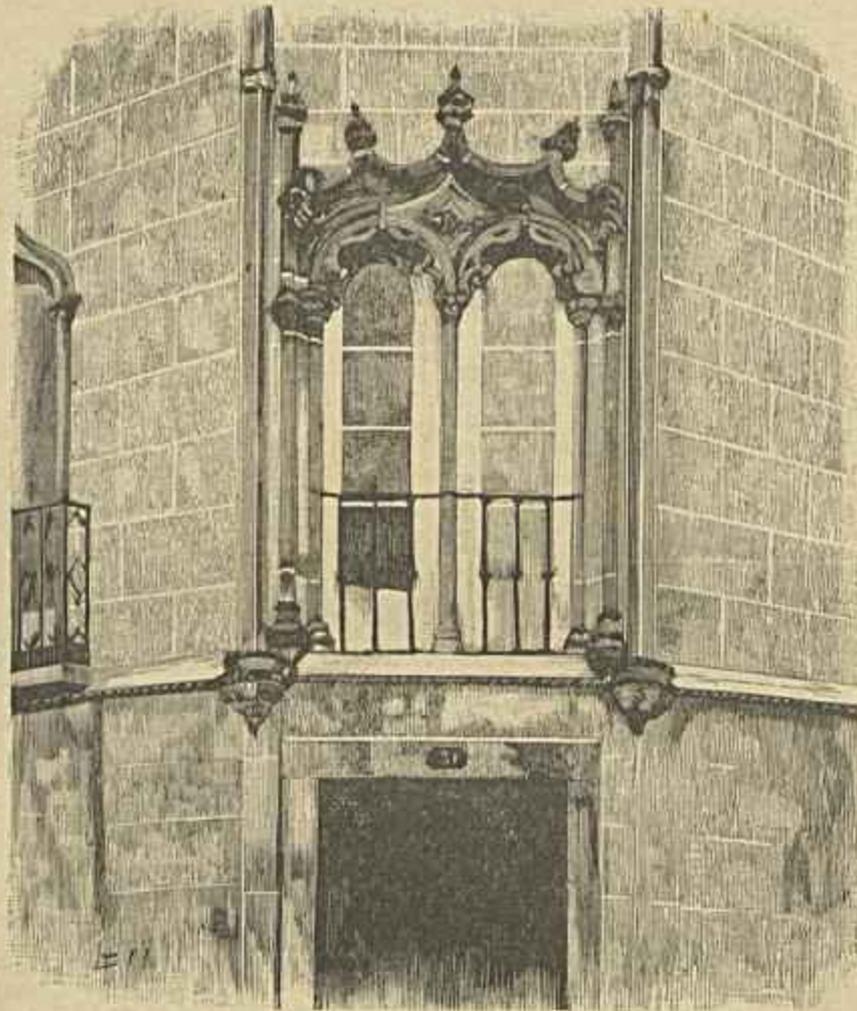
menos acatada a auctoridade dos paes, mais soltos os costumes dos filhos, menos respeitada a castidade das donzellas, mais perdidos os hábitos de trabalho e de economia, e mais profanado e mais exposto á violencia das paixões o sanctuario do lar domestico; e esses palacios e casas nobres a que já nos referimos, construidos outr'ora com a vida modesta e economica dos nossos paes, e que no meio do viver pobre, rude e monotono das nossas aldeias, eram uma especie de oasis no deserto, em muitas partes, ou passaram já para as mãos dos que foram creados dos seus donos, ou estão em ruínas e cobertos de silvas!

E' n'este desmoronamento e demolição de tudo, quanto é nobre e grande, e que mais pode recordar-nos o viver religioso e fidalgo, honrado e patriótico dos nossos maiores, e que tanto contrasta com o viver de hoje tão burguez e egoista, tão material e utilitario, e tão presumpçoso e effeminado; n'este desmoronamento e demolição que as revoluções e a extinção dos vinculos principiam, e que os nossos costumes continuam e augmentam por forma que parece quere-mos fazer-nos varrer da memoria e de diante dos olhos todos os vestigios dos grandes commetimentos do genio portuguez, e das tradições gloriosas da patria, não se avalia a falta que fazem as familias ricas, nobres e distinctas nas nossas aldeias, porque, não tendo n'estas os seus habitantes ninguem com quem aprendam a tirar o chapéu, e a prestar respeito e auctoridade, quem os ha de conter no futuro n'este grande nivelamento social para que caminhamos, e que pelas tendencias que manifesta, cedo ou tarde pode resvalar no socialismo, no communismo, na anarchia e no desenfreamento de todas as paixões ².

deza e o esplendor das familias e da Nação, eram a misericórdia para os pobres, o respeito, a auctoridade, o exemplo e o elemento civilizador para todos.

E hoje, que muitas Senhoras abandonam o governo da sua casa e até a criação dos seus filhos para não interromperem os seus divertimentos; hoje, que tambem já muitas não fazem grande caso das rezas e devoções religiosas que amos e creados cumpriam outr'ora todas as noutes no centro da família, e que mantinham o que n'ella havia de mais respeitavel e mais santo; hoje, que já se não combinam as festas da família com as festas da Igreja; hoje, que mandam vir da corte e de Pariz os seus vestidos já feitos não para estas,

forço, a alegria, a boa companheira com palavras de bondade para todas as amarguras, alma aberta a todos os infortúnios. E velhinha aureolava-se quasi tão respeitada e tão santa, sabendo contos d'encantar, ensinando a resar as netas e tendo receitas para doce, cousas familiares e caseiras, que faziam d'ella a imagem do Lar... Tudo isso se perdeu com a falta d'educação religiosa. Quem ama bem Jesus sabe amar como ninguem os outros; quem tem uma alma d'oiro, rescende a paz, e todos os que chegam á sua beira, como a sombra d'uma arvore no verão, como n'um manancial d'agua viva, se sentem repousados...



JANELLA DA CASA DE GARCIA DE REZENDE, EM EVORA

(Desenho do natural por L. Freire)

¹ Do Livro do sr. Raul Brandão — *A Educação em Portugal* — transcreveu o *Reporter* de 30 de Agosto ultimo com o devido louvor um capitulo, no qual, depois de censurar a educação agora dada ás meninas, diz o seguinte: A'manhã onde iremos nós escolher as nossas noivas? E vae n'isto um dos grandes perigos sociais.

Tal é a importancia da mulher na família, que será esta uma das maiores causas da nossa decadencia. Viram já acaso como á falta d'educação religiosa da mulher se tem diluido e derrancado a Família? Outr'ora a mulher não teria a educação quasi phantastica de bordados em escama, mas tinha mais caracter. Ella era na casa o con-

Almanach Ilustrado do «OCCIDENTE» Para 1894

Já sahiu a publico e está á venda em todas as livrarias este annuario illustrado.

A capa é um formosissimo chromo allusivo ás touradas, em que se vê a Praça do Campo Pequeno. Preço 200 réis; pelo correio 220; pedidos á

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho. Modesto & C.^ª, Imp. — R. Nova do Lourado, 25 a 29